

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

Milan Puh*

Resumo: Neste trabalho será realizada uma abordagem das relações entre o relato de viagem e as diversas experiências de imigrantes croatas no Brasil. Especificamente, trataremos das experiências migratórias ocorridas entre 1850 e o fim da Primeira Guerra mundial (até 1918), arco temporal tido como o primeiro período de imigração croata para o país. Nesse sentido, foram abordados os relatos, as histórias e dados referentes aos imigrantes croatas que chegaram com passaportes do Império Austro-Húngaro, sendo registrados, desta forma, como “austríacos”. Trata-se de três relatos: de imigrantes croatas produzido e publicado por uma agência propagandista de navegação, de um imigrante-regressado que volta alguns meses após a sua chegada na nova terra e de viajantes-exploradores contratados pelo Governo brasileiro para mapearem o Estado do Mato Grosso. O nosso quadro teórico-metodológico se baseia na historiografia croata sobre o século XIX e sobre as causas de emigração; e na historiografia brasileira, que trata do mesmo período em que procuramos entender as razões que caracterizam a sua imigração e o contato com a população já presente. Além disso, utilizamo-nos de autores que abordam os relatos de viagem e as imagens, entraves e questionamentos que eles nos trazem em nossa tentativa de analisar os relatos vinculados à imigração em sua multiplicidade.

Palavras-Chave: Relatos de viagem; Viajantes; Imigração croata; Império Austro-Húngaro; Propaganda imigratória

A proposta deste trabalho é analisar a complexidade do processo imigratório croata, relacionando-o ao tema das experiências de viagem. Este processo envolveu deslocamentos

*Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela USP e graduando em História pela mesma universidade. Diretor cultural-educativo do clube croata Croatia Sacra Paulistana e coordenador do projeto de pesquisa “História da Croácia e da imigração croata no Brasil” na mesma instituição. Contato: milan.puh1@gmail.com

humanos, dos quais surgiram textos – os relatos – que podem ser considerados fontes ricas para se compreender mais a fundo esse processo¹. A leva imigratória estudada é conhecida pelo senso comum da comunidade como “segunda escravidão”, uma vez que a maioria dos croatas chegados entre 1880 e 1910 vinha de uma estrutura social marcada ainda pelo feudalismo e a sua servidão, que perdurou por muito mais tempo no Leste europeu do que no Ocidente, sendo abolido na Croácia em 1848. O quadro sócio-econômico brasileiro se aproxima também dessa conjuntura, por ter o país ter abolido a escravidão em 1888, reproduzindo algumas práticas do trabalho coercitivo no tratamento aos imigrantes. O objetivo, assim, é entender e circunscrever a possível dinâmica entre os diferentes relatos de viagem que registram a vivência imigratória no começo da República.

Pela escassez de informações sobre a experiência primeira dos imigrantes-viajantes e da sua relação com o Estado, os grandes proprietários e os propagandistas emigracionistas das companhias de navegação, decidimos aproximá-los através da análise de relatos de viagens de diversas naturezas, respeitando a multiplicidade da imigração como um processo múltiplo e complexo. Assim, o nosso *corpus* documental é composto por um conjunto de relatos que fazem parte do que chamamos de uma experiência imigratória ampliada:

a) um relato de um grupo de imigrantes publicado por uma companhia de navegação, contando a experiência da criação de um núcleo imigratório no interior de Minas Gerais;

b) um relato de um imigrante-regressado que passou todo o processo de imigração no Estado do São Paulo para depois voltar à Croácia em uma situação financeira e emocional difícil;

1 O projeto integra o quadro de editais de pesquisa e extensão do "Departamento estatal para croatas fora da Croácia". da República da Croácia. Nomeadamente são 3 fases: a) desde 1850 até 1918 (com a dissolução do Império austro-húngaro e a formação da Iugoslávia monárquica); b) de 1918 até 1941 (dissolução da Iugoslávia monárquica e começo da Segunda Guerra mundial na região) e c) de 1945 adiante (com o fim da Segunda Guerra Mundial e a formação da Iugoslávia socialista), definidos por autores como Nikica Talan no livro "Croácia-Brasil: relações histórico-culturais"(1998) e Norma Marinovic Doro "A imigração iugoslava" (1987).

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

c) um relato de viagem dos irmãos Seljan, exploradores profissionais que analisam a condição do imigrante nas suas viagens pelo Brasil em função de suas contratações pelo governo e da sua empresa de exploração.

Esses relatos se inserem na dinâmica migratória que teve como ápice o ano de 1897, quando a emigração da Croácia para o Brasil foi proibida em função da exploração (relatada e observada) do imigrante. Traçando diferentes olhares acerca dos viajantes, positivos e negativos, nosso intuito é depreender as tensões dos atores envolvidos no processo imigratório e compreender cada um com suas propostas e interesses de representação do que seria a emigração/imigração.

Tal perspectiva aproxima-se do que Mary Louise Pratt (1999) considera parte de um processo de transculturação. Tomando como ponto de partida o modo “como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana” (*Ibidem*, p. 30), questionamentos possíveis perpassam até que ponto o viajante alterava sua visão original e até que ponto ele incorporava uma nova perspectiva do processo pelo qual passava. Ou então, de que modo esse viajante fazia uso dessa mudança para seus fins práticos e pessoais. Assim, não podemos desconsiderar, em meio a tal tema, a oportunidade de levar mais adiante os diferentes usos da transculturação na atuação dos nossos autores dos relatos e entender o conjunto de relatos também como um contínuo do processo aqui investigado. Isso pelo fato de termos relatos que não provêm de grupos marginalizados (o único cujas colocações podemos entender nesse sentido é dos imigrantes-regressados), mas também de um que parece estar entre os dois polos (os irmãos Seljan, que ora se colocam no papel do imigrante, ora na do latifundiário ou do político, situados entre o olhar imperial e o olhar local), e o último, que é das companhias de navegação que usam os seus agentes propagandistas para se apropriarem do discurso marginalizado e usarem a transculturação do imigrante como argumento de persuasão dos futuros clientes. Daí podemos observar os diferentes modos como a transculturação atinge grupos diversos nas suas experiências de viagem.

E é no contato entre esses grupos todos que localizamos a nossa análise, que foca na imigração como um espaço que transborda a relação metrópole-periferia, deslocando as lutas pela dominação para dentro e para fora do território nacional. Outro conceito que resume a proposta dessa discussão é a de “zona de contato”, definida por Pratt e tida como um lugar onde é possível “invocar a presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por discontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam” (*Ibidem*, p. 31). Desse modo, os relatos ligados à imigração nos ajudarão a aproximar sujeitos/atores envolvidos neste fenômeno para criarmos um entrelaçamento de narrativas. E esses sujeitos viajantes também exigem que os olhemos dentro de suas condições individuais de viagem, com propostas e visões que ora incorporam ora transcendem as do patrão, policial ou chefe. Cada um deles, nesses distanciamentos e aproximações, constrói a visão de si e do outro, integrando uma espécie de tipologia de viajante que Tzvetán Todorov descreve bem na sua obra “Nosotros y los Otros”, de 1991. Procuramos fazer a nossa leitura da função do viajante-escritor recorrendo também à tipologia de Todorov, uma vez que ela pode nos dar pistas e modos de interpretar os relatos que nos ajudarão a entender o quadro mais amplo de relações e maneiras de se colocar num relato.

Diante dos principais termos norteadores da discussão, passaremos para a contextualização geográfico-histórica dos relatos, articulando-a com as concepções teórico-metodológicas que ajudarão a delinear melhor a análise posterior.

II

Os relatos aqui analisados perpassam histórias presentes no final do século XIX e no começo século XX, localizados no sudeste brasileiro, isto é, no “novo Oeste”, região que está fora do alcance do Vale do Paraíba e as terras adjacentes. Um dos elementos-chave no processo da ascensão econômica brasileira é a implementação do café que, como uma nova cultura produtiva, desencadeou uma série de transformações estruturais, principalmente na

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

província paulista em termos de deslocamento de mão-de-obra e desenvoltura do mercado interno.

Mas não só. O conjunto de narrativas presentes também possui o viés de uma geografia imaginária. Como aborda Edward Said, as viagens relatadas durante o processo de imigração envolvem a definição de um imaginário do que seria o país para o qual o imigrante está mudando e sobre o qual não há muita informação ou, no nosso caso, uma população croata vivendo especialmente em um meio rural onde o acesso ao mundo letrado era restrito. Baseados também na colocação de Luciana Martins (2001), aproximamo-nos dessa geografia específica pelo fato de olharmos para as descrições por meio de palavras como um modo de criar uma representação pictórica. Daí as narrativas dos relatos serem consideradas, em uma época com poucos registros visuais, como um modo de aproximar e posteriormente dominar o desconhecido, tido muitas vezes como o periférico ou o marginal. Procuramos, assim, mostrar a heterogeneidade das visões que compõem essa geografia imaginária croata do Brasil, mais ainda porque os próprios relatos fazem várias menções às características físicas e culturais do país, além dos textos oficiais que ofereciam dados “reais” sobre a geografia urbana e rural.

Além da transformação econômica, o século XIX modificou politicamente o Brasil com a passagem de colônia a país emancipado, trazendo uma série de ideias e preceitos em circulação nos países de economias mais desenvolvidas e que passaram agitar a vida cotidiana brasileira². Dentro dessa complexidade conceitual que acompanhou as ideias do Liberalismo, a questão do elemento servil negro havia sido atingida também, sendo extinta em 1888, após muitas negociações. É justamente essa passagem que altera radicalmente a relação entre o Estado e os “novos chegados”.

²Conceitos de raça, identidade, projetos políticos e filosofias pessoais e de ideias como o Liberalismo e sua vertente econômica que, como aponta Emília Viotti da Costa, apresentou-se de diversas facetas e, evidentemente, múltiplas interpretações por conta dos brasileiros. Vale a pena seguir a argumentação da autora sobre a recepção brasileira de tais ideias e as feições tomadas a partir de suas interpretações para as ações políticas concretas no país. CF. COSTA, Emília Viotti da. “Liberalismo: teoria e Prática”. In: *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007, pp. 133-170.

O processo de modernização do Brasil envolveu uma dialética entre o moderno e o arcaico, favorecendo o primeiro em detrimento do segundo e usando a modernidade para atrair os imigrantes e deslegitimar as críticas sobre o tratamento dos mesmos. A própria relação que os imigrantes colonos estabeleciam com os cafeicultores, habituados ao trabalho escravo, evidenciava a dinâmica do processo. As relações modernas de trabalho, associadas ao trabalho livre assalariado, não eram devidamente assimiladas por parte dos cafeicultores, que permaneceram com uma mente escravista gerando, em diversos locais, atritos entre estes e os imigrantes. A fim de sanar as divergências entre colonos e fazendeiros, em 1911 foi fundado o Patronato Agrícola, instituição cuja função era resolver essas divergências entre colonos e fazendeiros (obrigações, responsabilidades e eventuais explorações). Fazendo uso desse e de uma série de outros relatos, caracterizados muitas vezes por um tom pessoal e sempre se referindo a eventos específicos que marcaram um determinado período, decidimos chamar a atenção para as representações que estão por trás do que é narrado e que evidenciam de outra maneira as inúmeras visões de cada um dos envolvidos e a luta por dominá-las. Aqui é interessante nos determos sobre a relação entre as informações que dizem respeito à sociedade daquela época e a realidade em que ela estava inserida, com as decisões políticas, econômicas e/ou filosóficas, bem como seus efeitos. Pois, entendemos que uma análise que limite sua discussão no nível da factualidade não conseguiria alcançar usos outros que pressupõem, por exemplo, a persuasão e a manipulação, como foi o caso dos agentes propagandistas e das revistas das companhias de navegação/imigração. Distanciando-nos da abordagem da materialidade histórica como um fenômeno dado para análise e incorporando as diversas interpretações e representações que se fazem do mundo real, construiremos uma visão que consiga olhar nossos suportes materiais como indicativos de uma maior diversidade sobre a experiência imigratória. E mais, enxergamos a representação nesse caso, baseados em Luciana Martins (2001), como um processo complexo que dá sentido ao que é experienciado e que é capaz de produzir um saber a ser utilizado para a compreensão do mundo, redefinindo e sendo redefinida por ele.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

Ressaltamos que muitos desses relatos são publicados em jornais, revistas, incorporados em um discurso midiático que assume para si a função de avisar, informar e construir imagens sobre o que acontece fora no escopo local da vivência dos camponeses croatas, às vezes se aproveitando desse discurso, às vezes sendo aproveitado por ele para fins propagandísticos. A importância desse tipo de olhar que interage na construção de visões, especialmente no que diz respeito à concepção de comunidade ou nação, faz com que consideremos as suas propostas como também um processo de imaginação. Aqui nos inspiramos em Benedict Anderson, que opera com o conceito de “comunidades imaginadas”. O autor se baseia na crença dos membros de determinada nação de que eles entre si possuem mais características em comum do que com membros de uma outra nação. Os textos jornalísticos em circulação naquela época contribuíam para formação e fortalecimento dessa noção que fez com que os emigrados e os não emigrados se sentissem pertencentes a uma comunidade global que não está restrita somente ao território nacional. Nesse sentido, esse tipo de discurso midiático aproveita a voz do emigrante para criar laços de solidariedade e proximidade entre os croatas que ficaram e aqueles que saíram para: a) reforçar os perigos da viagem ao Brasil; b) reafirmar as vantagens e a veracidade do sucesso dos já emigrados como modo de atrair novas pessoas para essa empreitada. De certo modo, criava-se uma sensação de orgulho para as nações em processo de formação no século XIX, vendo seus membros prosperarem no exterior e, por outro, causava constrangimento e fortes críticas das políticas nacionais que não impediam a emigração como tal.

III

Convém, então, fazer algumas breves observações sobre a situação do outro lado do oceano, no Império Austro-Húngaro e na Croácia, como sua parte integrante, as quais nos ajudarão a contextualizar os relatos escolhidos para análise e as relações que estabelecem com o momento histórico.

A situação da Croácia na segunda metade do século XIX e nos primeiros dezoito anos do século XX – período abordado neste artigo –, é inseparável da história de poder do maior

Estado na Europa Central (que dominava também outras regiões da Europa e do Mundo). Mostra-se, pois, necessário contextualizar brevemente as relações, acordos e tensões entre a Croácia e a Monarquia de Habsburgo ou, depois de 1867, Império Austro-húngaro.

É preciso lembrar que a “vida” desse império foi bem peculiar e corresponde à conformação da Europa no período em questão. No entanto, interessa-nos seguir essa história a partir de 1526, expandindo a sua influência rapidamente para o Leste (incorporando a Hungria e alguns países eslavos como a Croácia, a Eslovênia, a República Tcheca, a Ucrânia e a Eslováquia). Essa dinastia também dominou a Espanha durante décadas, bem como os Países Baixos, e mostrou uma grande capacidade de controlar diferentes regiões do continente europeu, com povos etnicamente diversos, permanecendo monarquia até o seu fim em 1918.

A relação feudalismo-capitalismo, contextualizada por Antić (1995) nos ajuda a entender os porquês da saída de tantos croatas justamente no término do período dito feudal, por volta de 1848, quando começaram a deixar as terras que ocuparam durante décadas (ou até séculos) para se aventurar em novas terras. Quando as transformações sociais e políticas desintegraram o que ficou conhecido como feudalismo³ e o camponês croata não se viu mais obrigado a permanecer nas terras de outro dono, ele decidiu sair em busca de melhores condições de vida.

A situação do camponês não mudou drasticamente pelo fato de a terra liberada não ter sido distribuída para a população geral pelo Governo. Assim, os antigos feudais e senhores das terras, ficaram com toda a terra que não estava sendo cultivada diretamente pelos agricultores-servos, incluindo pastos e florestas. Se um trabalhador rural quisesse ter

³Esse termo na historiografia croata, bem como na dos demais países do Leste da Europa é muito mais comum do que na da Europa Ocidental, assim o leitor não deverá estranhar o uso mais corriqueiro dele, por ser um dos principais conceitos explicativos do século XIX para o espaço focado nessa pesquisa. O feudalismo representava, como afirma Boutruche (1973), principalmente uma relação legal que subordinava o servos ao seu senhor pelo pertencimento à terra. Portanto, preferimos utilizar esse termo que enfoca mais a questão do impedimento legal do camponês croata sair da terra que cultivava para o senhor da propriedade, o que impossibilitava grandes deslocamentos populacionais emigratórios até a sua abolição em 1848.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

posse dessas terras para uma plantação de vinho, por exemplo, tinha que comprar do antigo senhor. Por ser pequeno proprietário, seus rendimentos raramente permitiam poupança, levando-o a se endividar para conseguir aumentar a sua propriedade rural, pois o pagamento só podia ser feito em dinheiro nos primeiros anos pós-abolição (1848-1853). Posteriormente, o Estado começou a auxiliar os camponeses que, mesmo assim, não conseguiram aumentar de modo significativo a terra que tinham à disposição, às vezes até perdendo o que tinham por conta de prestações altas que não conseguiram pagar. Aqui nos parece interessante a hipótese de Antić (2000), de que a principal causa da emigração nessa época era a endividamento dos agricultores.

Essa região passou por outras mudanças radicais na segunda metade do século XIX além do fim do feudalismo em 1848 e um início de industrialização e de expansão imperial austríaca ao leste europeu, com a incorporação da Bósnia, e a consequente desmilitarização das regiões fronteiriças croatas em 1870. As mudanças ultrapassaram a situação geopolítica e social e abarcaram também a econômica, como, por exemplo, a chamada “Cláusula do Vinho”, firmada em 1892, entre a Itália e o Império, permitindo a importação do vinho italiano com impostos baixos, o que causou graves problemas econômicos para as famílias croatas produtoras de vinho, ou ainda a mudança da legislação trabalhista agrícola em 1898, que redefiniu as obrigações e os direitos dos camponeses croatas, como descreve Braunnbauer (2016). E ainda na visão de Marinović Doro (1987), a intensificação desse processo incluiu ainda a concessão limitada do uso de terras livres (permanecendo nas mãos dos proprietários antigos), a desestruturação das cooperativas familiares (característica tipicamente eslava de convivência e subsistência) que diminuía as terras disponíveis para cultivo, o aumento populacional de 15% no período de 1880 a 1890 (com melhoramentos em saúde, alimentação etc.), além da política pró-húngara que dificultava o desenvolvimento do capitalismo, capaz de absorver o excedente da população camponesa croata. A esse conjunto de decisões políticas e econômicas negativas chamaremos de “fatores objetivos”, por

influenciarem diretamente no impulso à emigração em massa que teve seu início a partir de 1870.

Mas não são só os fatores objetivos que podemos destacar por meio de números, leis e gráficos, pois existem outros com características mais subjetivas que alimentavam a situação descrita acima. Uma das atividades desse caráter se aproveitava da situação e intensificava a emigração. Trata-se da propaganda emigracionista em formato de textos jornalísticos, realizada por grandes companhias de navegação na criação de uma visão mais idílica do Brasil para atrair os imigrantes. As Companhias “jogavam” com o imaginário e com as necessidades da população, oferecendo condições que pareciam perfeitas para um agricultor empobrecido croata que recém deixado de ser servo e sonhava com a possibilidade de ter a sua própria terra, mesmo se tivesse que se mudar para adquiri-la. Em revistas como a brasileira “O Imigrante”⁴ encontramos chamadas como “Viajar para o Brasil sem fazer despeza” e “Hoje imigrante amanhã proprietário”, que reforçavam a imagem de uma terra de oportunidades sem grandes investimentos. Já na Europa, os propagandistas italianos, austríacos e alemães, contratados pelas grandes companhias de navegação, faziam circular cartas, textos jornalísticos e chamadas onde ofereciam travessia marítima gratuita para o Brasil, além de oito hectares para cada família, com direito a uma casa provisória, equipamentos para o trabalho agrário e pagamento do empréstimo parcelado (teriam dois anos para começarem a pagar).⁵ A propaganda enganosa foi tamanha que os Governos federal e regional tiveram que propor uma legislação específica para reprimir os agentes propagandistas e dissuadir os futuros emigrantes⁶. Os mais afetados foram os provenientes das regiões agrícolas mais empobrecidas da Croácia, onde seus habitantes venderam casas e

4Um periódico de circulação mensal da Secretaria de Agricultura do estado de São Paulo, editado de 1908 à 1922 em seis línguas (Português, Italiano, Francês, Alemão, Polonês e Russo),

5A revista “Imigrante” e seus vários números está disponível no Arquivo do Estado, enquanto a propaganda europeia referente à Croácia se encontra no Arquivo Nacional da Croácia em Zagreb.

6Alguns exemplos que mostram a complexidade da situação e a necessidade de especificar e controlar a atividade está em ações judiciais como as de: 13.01.1897 (leitura policial das cartas/telégrafos nas estações ferroviárias); 26.01.1897 (proibição de todo tipo de persuasão com a população); 27.04.1894 (confisco de todo material propagandístico vindo do propagandista Antonio Gregolet).

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

terrenos inteiros para a compra da passagem até algum grande porto e pagamento dos agentes organizadores da viagem.

Essa contextualização nos permite analisar o primeiro relato do nosso *corpus* documental, uma vez que são os materiais propagandísticos espalhados pelo interior da Croácia que “vendiam” a imagem do Brasil como uma “Terra prometida”. O primeiro documento a ser analisado é uma carta, assinada por quatro imigrantes, que retratam sobre a viagem da Croácia ao Brasil. Esta carta compõe um conjunto no qual estão folhetos com valores das passagens para diversos países do continente americano e o material do propagandista Nodari Silvio⁷, dividido em dois panfletos que descrevem as condições para a aceitação do imigrante pelo governo brasileiro em que constam os valores a serem pagos pelo colono ao Estado, as profissões preferidas, garantias em caso de morte de algum membro da família, estimativas de pagamentos por dia, conselhos, documentação necessária etc.

Direcionamos-nos para a carta que possui formato de relato (Anexo 1) de autoria de quatro imigrantes sobre a travessia, colocada dentro dos dias previstos pela companhia de navegação. A autoria da carta é, na verdade, duvidosa, pois o texto apresenta características informativo-explicativas bastante elogiosas das condições de travessia – com afirmações como “uma terra fértil, colhemos duas vezes por ano em abundância, temos gado e de tudo o suficiente, bem como um pouco de dinheiro que recebemos pelos produtos vendidos” – de modo que fica duvidosa a autoria desse relato. Isso, argumentamos, pela estruturação textual da carta escrita na primeira pessoa do plural, incorporando um nós plural no qual consideramos ser mais fácil colocar esses elementos propagandísticos que favorecem a empresa, uma vez que a voz dos assinantes do documento pode se confundir com aquela da empresa na sua totalidade. Aqui vale fazer mais algumas observações a respeito do conteúdo da carta. Como observamos em outros relatos, essas viagens raramente aconteciam dentro

⁷A agência propagandista desse italiano fazia parte de um conjunto de monopolistas que atuavam nesse ramo econômico de transporte de pessoas a partir do Império austro-húngaro.

do tempo estimado, tal como narram na carta. Além disso, geralmente, as condições a bordo e as dificuldades das viagens costumam ser muito presentes nos relatos, ao passo que, nesta carta, a única dificuldade narrada é a necessidade de realizarem longas jornadas de trabalho, mas já atenuando a afirmação com a conclusão de que o mato havia sido transformado em terra fértil⁸. Essa última colocação também pode ser tida como uma estratégia persuasiva que reconhece que existem dificuldades, evitando mostrar-se como um relato inverossímil à realidade pelo otimismo extremado que já estava sendo fortemente contestado pelos imigrantes regressados.

Existe também uma cautelosa inclusão de informações sobre a viagem, com menção a dias, horas e localidades que tomam metade do relato. Quando o relato diz respeito ao momento da chegada na colônia, as informações são reduzidas a afirmações generalizadas, tal como: “tinham de tudo o suficiente”. Isso nos parece indicar que a empresa propagandística Nodari se preocupava em dar dados mais específicos sobre a viagem, que era de sua responsabilidade, evitando entrar em maiores detalhes sobre a atual situação dos colonos.

Assim, a geografia imaginária criada no relato procura criar uma visão de travessia tranquila até a colônia, enquanto ela em si é descrita como um lugar idílico que atenderia aos desejos dos camponeses pobres croatas que procuravam terras férteis para plantio. A empresa se aproveita da experiência do imigrante, utilizando o relato como um modo de dar legitimidade às afirmações factuais colocadas no início do material que era distribuído pelos municípios croatas. A narrativa do relato ajuda a construir um *ethos* de confiabilidade da empresa, onde as manipulações com os dados e fatos são descobertas com mais dificuldade, o que permite um melhor aproveitamento e eficiência do tráfico de pessoas (escravos e imigrantes) que foi o grande negócio da segunda metade do século XIX.

⁸Novamente, muitos relatos das famílias croatas entrevistadas no âmbito do projeto “História da Croácia e da imigração croata no Brasil” colocam como o período mais difícil da instalação dos imigrantes em que a fome e várias doenças acometiam os colonos.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

Portanto, podemos analisar esse relato na chave de Tzvetan Todorov (1991) como de “viajante aproveitador”, representado por um homem de negócios (Sílvio Nodari) que especula com a alteridade (apropriando-se de um relato de viajante imigrante), adaptando-se ao contexto histórico, com a falta de oportunidades na Croácia e a procura por imigrantes no Brasil, colocando de modo mais genérico essa relação de procura e demanda, mas com todas as condicionantes econômicas, sociais, histórias e políticas colocadas acima. Desse modo, interessa menos a verossimilhança do próprio relato, uma vez que a intenção com a qual o mesmo foi produzido, a questão da sua autoria, a materialidade em que ele está inserido e o discurso ali presente denotam uma série de pautas atuais daquele momento para a imigração croata no Brasil. Aqui terminamos a análise do primeiro tipo de relato de viagem, o de material propagandístico de uma agência de viagens que se apropriava desse gênero textual para estimular os possíveis emigrantes croatas a tomarem a decisão de viajar para o Brasil.

A relação entre a verdade histórica e a ficção literária ou publicitária se aproxima e cria uma tensão entre os usos e abusos do relato que, por um lado, era evidentemente a atuação baseada no olhar imperial, disfarçado de algo mais local. Essa visão imigratória construía uma imagem do Brasil pertencente à ordem imperial dominadora, eliminando ou manipulando outras experiências na representação do que entendia ser importante descrever nos seus relatos. Um exemplo-chave desse tipo de visão estaria na do explorador contratado pelo Estado para conhecer, entender e demarcar terra incógnita do Brasil, como os relatos dos irmãos Seljan, exploradores contratados pelo Governo brasileiro para explorar o Mato Grosso dos quais falaremos em terceiro momento. Porém, os relatos de viagem ligados à emigração parecem indicar outro caminho, ou seja, aquele que estaria representando o olhar local, do marginal, do imigrante sofredor que volta à terra natal após uma experiência traumatizante.

Diante da posição de dois tipos de viajantes descritos acima – a visão do imigrante-explorador dominador e a perspectiva do imigrante-camponês marginal –, voltaremos nosso olhar, agora, para um relato representativo desses imigrantes-sofredores, que depois de

realizarem todo o processo de travessia e de chegada no Brasil, não conseguem e/ou não querem permanecer aqui e acabam regressando à Croácia. Em um relatório policial feito no âmbito da proibição da emigração para o Brasil em 1897 (ANEXO 2), encontramos um registro escrito que relata tal experiência. É interessante observar que o relatório continha algumas cartas-convite mais simples enviadas pelo propagandista mais conhecido do momento – Antun Gregolet⁹. O relatório continha ainda uma lista de imigrantes (na sua maioria croatas, com alguns outros eslovenos, húngaros e sérvios) que seriam encaminhados para a formação de uma colônia no Rio Grande do Sul elaborada pelo consulado do Império Austro-húngaro. Ademais, trazia também alguns relatos de guardas com os nomes das pessoas com intenção de viajar ou que já haviam saído dos municípios, bem como a lista de indivíduos interditados de partirem ou que tiveram algum envolvimento com a propaganda emigracionista. Esses materiais inserem os relatos em um contexto complexo de relações e propostas específicas, definidas pela proibição de emigração e a consequente repressão policial na qual surgiram os relatos.

E de fato, não são poucos os casos de imigrantes que voltavam ao país de origem, alguns meses ou anos depois de emigrarem. Os relatos confirmam o senso comum de que “o imigrante era igual ao escravo de outrora”. No relato de Nikola Kučan¹⁰, um imigrante retornado em 1897, por exemplo, encontramos diversas referências ao tratamento recebido após a sua chegada no Brasil. Escolhemos esse relato dentre vários encontrados nos relatórios policiais pela quantidade de informações que nos traz, especialmente pelas referências ao caminho feito até o Brasil, bem como o tratamento que os grandes fazendeiros davam aos emigrantes. Além disso, o que nos chama atenção é o modo como o relato foi feito, características importantes que encaminham o nosso entendimento do assunto, expressas a seguir.

⁹Curiosamente, para esse personagem mencionado em diversos relatos de imigrantes não encontramos informações biográficas de algum tipo. Assim, todo o nosso conhecimento a respeito dele provém dos relatos analisados ou de análises de outros pesquisadores como o Braunnbauer (2016).

¹⁰Relato encontrado na correspondência policial do município de Mrkopalj (Croácia) em 1897, junto com mais 3 relatos de imigrantes-regressados.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

O relato de Nikola é bastante preciso em alguns momentos, mencionando o número de dias da viagem no navio (21 dias), a data que iniciou a viagem, especificando as horas. Numera as famílias que viajaram junto e a quantidade de dinheiro gasto na viagem (75 forintas para o agente Gregolet) e o total do investimento (570 forintas lucradas com a venda da casa e do terreno); menciona os lugares percorridos no caminho (estação de Lokve, porto de Rijeka, cidade de Udine, porto de Genova, porto de Santos, São Paulo) e faz comentários pontuais sobre as condições do navio, o tratamento recebido por parte de Gregolet e dos latifundiários brasileiros.

A visão construída pelo viajante se aproxima ao relato analisado acima, em que os propagandistas utilizam o relato do imigrante para construir uma imagem do que seria imigrar no Brasil. Os dois casos enfocam os deslocamentos e o tempo gasto para cada um deles, o que de certa maneira remete à preocupação principal das companhias de navegação em oferecer uma visão tranquilizante da viagem para o futuro imigrante. No caso do segundo, por se tratar de um relato incorporado no relatório policial, podemos especificar dois objetivos: a) a preocupação da vigilância policial em entender os caminhos percorridos pelos imigrantes, junto com a movimentação individual de cada um e b) uma estratégia de dissuadir o imigrante de emigrar, apresentando relatos desfavoráveis à emigração. E de fato, se olharmos para a quantidade de informações pontuais que são colocadas nesse relato, é de se estranhar a exatidão com a qual um imigrante-regressado (esfomeado e traumatizado) conta a sua viagem, mas por outro lado, trata-se de relatos feitos há pouco tempo da experiência realmente vivida.

Se pensarmos nos termos de Todorov, esse tipo de emigrante se aproxima mais de um relato de exilado do que de assimilado (considerado como posição do imigrante por excelência), pelo fato de não se sentir bem na nova pátria, evitando a assimilação, com razão própria muito forte para resistir à assimilação e a submissão à ordem exploratória do sistema latifundiário brasileiro. A parte mais carregada emocionalmente é aquela na qual Nikola conta a estadia na Hospedaria do Imigrante e a luta para conseguir evitar o “encaminhamento” para

alguma fazenda. Narra que os barões chegavam nos galpões adjacentes à Hospedaria do Imigrante para escolherem os imigrantes comprados, afirmando que “o barão nos inspecionava de cabeça ao pé, querendo ver quem ele tinha comprado, nos tratando como se fôssemos escravos”. Aqui vemos um maior detalhamento do relato com a descrição de uma cena que remete também à inspeção feita no momento da venda dos escravos, remetendo-se explicitamente a essa situação.

Outra cena que o imigrante também conta é a experiência dos colonos nas fazendas onde “colocados em casebres antigos, completamente destruídos, tivemos que compartilhar o espaço com os inúmeros negros que vagavam pela fazenda, fazendo trabalhos ocasionais”, dando a perceber que ficaram alocados nas antigas casas de escravos que ficaram abandonadas e que tiveram que compartilhar o mesmo espaço. Novamente, um forte sentimento de resistência a qualquer tipo de tratamento que os aproximaria de escravos se faz presente nessa parte do relato; porém, é complementada com afirmações de culpabilidade como no seguinte exemplo: “na partida houve muito choro das mulheres e dos filhos e nós homens nos sentimos culpados, porque nos deixamos sermos seduzidos e decidimos nos entregar à vontade de Deus”. Aqui o imigrante vai construindo uma representação de marginalização de si e de sua família. Retrata a mulher, por exemplo, como uma figura passiva, que apenas chora ao longo das descrições do relato inteiro. Na conclusão refere-se ao fato de que todo o dinheiro investido na emigração acabou sendo um grande gasto que deixou a família na miséria, pois ficaram sem a terra.

IV

A terra foi um dos principais estímulos para que os camponeses croatas se movessem até as Américas, especialmente para países como o Brasil, que oferecia lotes grandes para quem decidisse vir. A diferença entre o primeiro relato, dos relatos dos imigrantes incorporados no material propagandístico da empresa Nodari, e esse de Nikola Kučan em relação à terra, é que o imigrante-regressado estava inserido na situação de produção agrícola latifundiária, com a obrigação de trabalhar para os “barões”, enquanto o relato da

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

empresa baseava-se na proposta do sistema de colonato, onde o imigrante recebia um terreno ocupado pelas matas originais, as quais tinha que desmatar e transformar em terra arável. Obviamente, existia uma grande diferença entre o que as empresas propagandistas ofereciam e a realidade que o imigrante vivia; daí a necessidade de se controlar a visão predominante sobre o que seria imigrar ao Brasil, sendo o relato pessoal do imigrante um dos mais confiáveis e aproveitáveis para se seguir um objetivo, tanto de estimular, como de desestimular a entrada dos camponeses nesse processo.

Um aprofundamento sobre a moradia/área de trabalho ou convívio como zona de contato entre o camponês negro e o camponês imigrante, nos permite expandir a questão migratória para as relações múltiplas que a escravidão e a imigração tiveram, relação subjacente ao nosso objetivo principal, mas de todo modo importante. Frequentemente, a visão que se tinha da escravidão procurava diminuir o contato do imigrante com o ex-escravo, focando no tratamento escravocrata que o imigrante recebia (e de fato, na maioria dos relatos os imigrantes se referem à escravidão como um processo ao qual eles foram submetidos, eliminando a presença do negro e as suas questões particulares). Para Sidney Mintz¹¹, o quilombo seria o subproduto do desejo do escravo de ser camponês, ou seja, os escravos lutavam para ter acesso à terra e a um meio de subsistência a fim de que isso garantisse cidadania e a formação de raízes. Aqui vemos também que a posse da terra e seu cultivo não foi somente um grande objetivo de vida de muitos imigrantes e que sua negação faz com que certos direitos fossem reivindicados. Dito isso, aproximamos essa história àquela de quilombos que, segundo Flávio Gomes¹², surgiram dos protestos e da ocupação da terra dentro das fazendas, representando uma relação duplamente tensa: dos fazendeiros com os colonos e negros e entre os próprios negros e os colonos. Gomes considera que crises socioeconômicas, como a Abolição, fizeram com que os senhores das terras procurassem

11MINTZ, Sidney. "Era o escravo de Plantação um proletário". In: *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2003.

12GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

restringir e controlar mais as roças dos seus escravos e ex-escravos, obrigando-os a se deslocarem. E complementa afirmando que os negros aquilombados frequentemente pernoitavam nas antigas senzalas, enquanto de dia vagavam pelas matas ou mesmo faziam pequenos serviços em troca de comida ou dinheiro. Outros já coexistiram com essas comunidades de colonos nas fazendas, integrando-se e os próprios imigrantes à econômica local.

Assim, são múltiplas as explicações que poderíamos dar à observação do Nikola, além do fato de que o relato dele era usado para convencer os futuros imigrantes de não embarcarem para o Brasil, aproveitando os “fantasmas” da escravidão para construir uma representação negativa sobre as futuras experiências e contatos que esses camponeses teriam. Por fim, Nikola relata que conseguiu a permissão de sair do galpão (provavelmente fugindo) para ir ao consulado pedir seu retorno, uma vez que “(...) percebemos e sentimos decepcionados que fomos vendidos”. Esse é somente um dos relatos de viagem que começaram a circular nos anos 1890, fazendo com que a imigração ao Brasil fosse temporariamente suspensa pelo governo austríaco durante o ano de 1897. Esses relatos reais foram utilizados para construir representações positivas ou negativas que tinham como objetivo influenciar a decisão efetiva do camponês, inserida na narrativa que, seguindo a proposta de Todorov, seria mais próxima de um viajante-exilado que está tentando a todo custo voltar à terra da qual teve que sair, analisando a sua viagem a partir de uma comparação de contrastes, ressaltando principalmente o negativo.

Pelo fato de acreditarmos que esses relatos também eram usados seguindo determinada lógica e proposta, temos que deixar claro que nem todos os imigrantes foram tratados assim. Muitos deles conseguiram pagar as suas dívidas e economizar a ponto de poderem comprar antigas fazendas, criando os pequenos núcleos de imigrantes, como foi o caso das famílias Fijacki e Ban¹³, que habitaram a região de São José do Rio Preto e Mirassol,

¹³Depoimentos pessoais registrados pelos pesquisadores do projeto “História da Croácia e da imigração croata no Brasil” em 2015 e 2016.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

após a estadia na fazenda Veridiana, da família Prado. Eles se tornaram proprietários de terras, loteando as mesmas e vendendo para população ou continuando com a produção local, sendo que alguns membros das famílias, na impossibilidade de conseguirem terras ou por não concordarem com o tratamento recebido nas fazendas, migravam para a cidade de São Paulo, fazendo com que a comunidade croata nesta cidade fosse essencialmente urbana (ao contrário daquela que se estabeleceu no Paraná no princípio do colonato). Aqui, novamente, conseguimos aproximar os dois “caminhos”, do negro brasileiro e do croata imigrante, pois tanto um como outro se deslocava em busca de melhores condições, resistindo, negociando ou fugindo para conseguir realizar seu direito à terra. Portanto, não temos somente o campesinato negro itinerante, como encontramos nos estudos da Ana Rios e Hebe Mattos¹⁴, mas um campesinato imigrante europeu (croata) que foi extremamente fluido em seus destinos, e não só ele, porque temos casos de diversas comunidades de imigrantes cujas trajetórias se misturavam com as dos negros, indígenas e quilombolas¹⁵. Ambos se organizavam em famílias com parentesco ampliado para se protegerem, às vezes aceitando o pacto “paternalista” de ficar na terra, exigindo mais direitos e autonomia (como no caso das terras de preto ou no sistema do colonato imigrante).

Isso nos faz pensar na filiação que os próprios imigrantes croatas, ou quaisquer outros imigrantes teriam nessa multiplicidade de contatos e olhares, tanto com os ditos hegemônicos e os subalternos, pois olhamos para essa afirmação menos como um modo explicativo definitivo e mais como um ponto de partida para entendermos que tipo de relação o imigrante teria no decorrer da sua experiência imigratória. O que também ficou

14RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. *Memórias do cativo*. Família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

15Três trabalhos que tratam em grande detalhe o tema campesino imigrante/negro, porém no contexto do Sul do país são do Núcleo de Estudos Agrários: “O acamponesamento como sinônimo de aquilombamento”: o amálgama entre a resistência racial e a resistência rurais do Rio Grande do Sul.; SEYFERTH, Giralda. “Colonização europeia, campesinato e diferenciação cultural do Vale do Itajaí”; BLOEMER, Neusa Maria Sens: “‘Colonos italianos’ e ‘caboclos’ no planalto catarinense”. Esses três trabalhos estão na seguinte coleção: GODOI, E.Pietrafesa; MENEZES, Matilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo. RUBERT, Rosane Aparecida; DA SILVA, Paulo Sérgio (orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2009.

reconfigurado é a própria noção do Brasil e da vida agrícola, seguindo a lógica de Sidney Mintz, pois o imigrante teve que também mudar a sua visão da vida no campo, das suas expectativas e possibilidades (recriadas também pela propaganda emigracionista), porém esse não era o único modo de se dar sentido ao que foi experienciado como imigração porque as elites políticas e econômicas tinham os seus relatores.

V

Aqui podemos voltar à discussão sobre a realidade e suas representações, colocando essas dimensões em uma relação dinâmica com as decisões políticas (radicais) que não tinham muitos outros modos para basearem suas ideias a não ser pelos relatos que chegavam com os imigrantes-regressados, com as cartas daqueles já instalados ou ainda com os relatos de “viajantes” croatas que não estavam na função de imigrantes (como no caso dos irmãos Seljan). Desse modo, chegamos ao último relato escolhido para análise, a saber, o relato dos irmãos Seljan, imigrantes-exploradores que foram contratados pelo governo brasileiro para explorarem as fronteiras a Oeste do país.

Mirko e Stevo Seljan, naturais da cidade de Karlovac, são os mais conhecidos viajantes croatas para as terras “desconhecidas” da África e América Latina pelo público leitor do Império austro-húngaro e europeu de modo geral. Durante um período de aproximadamente 30 anos, os irmãos percorreram vários países, principalmente a Etiópia, antes de chegarem ao Rio de Janeiro. Na cidade, fundaram em 1903 a empresa “Mision Científica Croata”. Iniciaram suas viagens pela região das Cataratas do Iguazu, onde exploraram a parte paraguaia e brasileira, descendo até Santa Catarina para depois se encaminharem para o norte do Mato Grosso, onde foram contratados para explorar um caminho de Cuiabá até Santarém no Pará. Pelo fato dessa expedição ter sido malograda e após mais algumas tentativas no Amazonas, os dois viajantes profissionais se mudam da região e começam a realizar trabalhos em outros países da América Latina, como o Peru, o Chile e a Bolívia, dedicando uma boa parte do seu tempo ao estabelecimento de contatos com as comunidades croatas daqueles países e percorrendo várias outros do continente inteiro.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

Mirko falece sob circunstâncias suspeitas em 1914 em uma expedição de alto risco no Peru (imagina-se que foi morto pelos indígenas contrários à presença de forasteiros e a uma possível exploração de suas terras, porém tudo ainda fica nas informações especulativas que circulavam pela imprensa da época), enquanto Stevo morre somente em 1936 em Ouro Preto, onde constituiu família.

Pela história pessoal acima esboçada, podemos afirmar que, levando novamente em consideração o sentido mais próximo do que a Mary L. Pratt expõe no seu livro “Os olhos do império”, a princípio os Seljan incorporavam ao olhar imperial, no sentido de se esperar que a perspectiva dos irmãos fosse distanciada, observando a realidade sem muito envolvimento inicial, domesticando com os relatos regiões distantes do Brasil. Mas, pela vasta produção escrita, muitas vezes perpassada pelas observações pessoais e relatos que não tinham como proposta principal a descrição naturalista da geografia brasileira, o imaginário dos exploradores expandiu-se para outras áreas, incorporando nas suas narrativas os indígenas (o “outro” evidente), mas também os imigrantes croatas (o “igual” no território do “outro”). Não podemos esquecer que eles eram também imigrantes, tanto que nunca voltaram para a Croácia e, no caso de Stevo, formou uma família e permaneceu no Brasil por mais 20 anos depois da morte de Mirko. Nesse sentido, o seu relato deverá ser lido em uma ótica dupla: de explorador contratado para agir como olho oficial da elite brasileira interessada em melhor definir suas fronteiras e dominar terras e povos, e de um imigrante croata que, embora esteja no país por meio de um contrato, está livre para observar a situação de seus conterrâneos e interferir na sua condição (ajudaram e/ou fundaram quatro sociedades de auxílio e cooperação croatas). Tais perspectivas corroboram a hipótese de que a condição de imigrante oriundo de um país que também estava nas margens da Europa ajudava a ter uma sensibilidade para com os outros povos marginais (o seu próprio lugar ou o dos outros).

Portanto, consideramos que estavam em um jogo constante de alteridades, o que se dava pelos deslocamentos entre diferentes zonas de contato nas quais tiveram experiências diversas e que constituía certo de tipo de “miradas cruzadas”, na definição de Monica

Szurmuk (2007). Cruzadas porque não cediam completamente a nenhuma das visões, mantendo-se distantes de uma visão completamente autobiográfica e de outras oficiais/científicas ao olharem para o ambiente de dentro e de fora. Embora estivessem numa posição de fora em que podiam apenas observar a situação do imigrante, o fato de estarem preocupados com tal situação fez com que se colocassem em uma posição de dentro, contando a sua experiência e a experiência de outros imigrantes que encontravam no caminho.

No que diz respeito ao legado escrito, as publicações dos Seljan abarcam livros (o mais famoso “O salto do Guaira”, publicado em Buenos Aires), contos (para mencionar um “Através de desertos e matos – contos” – onde o tema principal é o Brasil), cartas pessoais enviadas aos amigos e parentes, artigos científicos e midiáticos e diários de viagem. É interessante observar a consciência que os irmãos tinham do próprio ofício de escrever, isto é, da autoria dos textos. Por exemplo, em uma das correspondências encaminhadas para a Croácia¹⁶, Stevo Seljan diferenciou o seu legado escrito do irmão, ao constatar que

Tudo que os irmãos Seljan escreviam em croata, espanhol, português e inglês, fui eu, Stevo Seljan, quem escreveu. Tudo escrito em alemão e francês foi feito pelo meu irmão Mirko Seljan. Todas as correspondências pessoais enviadas a Zagreb para diversos amigos foram exploradas de modo mais abusado. Claro, alguns amigos literatos corrigiram alguma coisa, mais vezes ainda acrescentavam ao texto original algumas bobagens e depois plagiavam meu trabalho dizendo que foi ‘de acordo com os irmãos Seljan’. No Brasil, chamamos isso de ‘um roubo escandaloso’. Agora declaro que, todos os nossos relatos de viagens, dirigidos por mim em croata, são minha propriedade e autorizo o meu amigo prof. Zlatko Šulentić para que junte tudo desde 1899 até os dias de hoje em Prosvjeta, Vijenac, Obzor e outros jornais e que publique em um livro, ilustrado caso for possível.

Isso, de fato, nunca aconteceu. Embora existam coletâneas nas quais seja possível encontrar alguns relatos, a maioria das publicações encontra-se, no processo de digitalização, no Museu Etnográfico na cidade de Zagreb. A correspondência em si mereceria uma análise à

¹⁶O envio foi feito em 20 de maio de 1934 de Outro Preto e tinha como destinatário o Zlatko Šulentić, amigo de Stevo Seljan.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

parte, especialmente por conta do modo como os relatos de viagens eram plagiados e usados para fins mercadológicos de algumas revistas, editoras ou indivíduos que republicavam seus relatos sem a autorização dos autores. Também, seria interessante explorar o modo como o uso de línguas estrangeiras na escrita dos relatos definia a autoria (os irmãos dividiram a escrita entre si – Mirko escrevia em alemão e francês e Stevo em croata, espanhol, português e inglês) e o uso de revistas como modo de afirmação e divulgação do trabalho dos autores, considerada uma atividade econômica, pois pagava-se a publicação dos relatos nos principais meios de comunicação. Como este não é o nosso objetivo, só cabe ressaltar que os irmãos, na verdade apenas Stevo Seljan, tinham uma visão bastante conscientemente sobre a função do relato de viagem (de maneira que transformou-o em uma fonte de recursos financeiros) e os percalços que os relatos e eles como autores tiveram, o que ajuda a solidificar a nossa hipótese de ótica dupla (imperial/local) com miradas cruzadas (dentro/fora).

O relato de viagem escolhido para que possamos compreender os aspectos dos irmãos Seljan esboçados acima, e que diz respeito à situação dos imigrantes croatas no Brasil, foi publicado em 1910 no periódico *Jeka* com o título “Porque é que os imigrantes fogem do Brasil” (SELJAN, 1910). Cabe informar que os anos de 1909 e 1910 foram marcados por uma interrupção nas explorações oficiais e uma maior dedicação às publicações de suas experiências, as quais começarão a ser a base da sustentação da dupla. Ou seja, é um período posterior ao ápice de atividades imigratórias croatas no Brasil e às subsequentes proibições feitas pelo governo austríaco de 1897, quando a atenção passa para a transmissão escrita do tema dos imigrantes.

O texto em si não relata uma viagem específica, mas cria uma visão mais geral, abrangente dos porquês da difícil situação do imigrante croata, nos quais percebemos o envolvimento dos exploradores com as dificuldades do imigrante. Portanto, não aparenta ser um relato típico que narra o processo da imigração, como dos dois primeiros já abordados, mas nos interessa pelo fato de condensar as experiências de viagem dos Seljan, servindo como uma zona de contato das narrativas pontuais que eles, como imigrantes, tinham. Assim,

é o relato de uma experiência já vivida, condensada que consegue cruzar a visão oficial e as intenções do Estado Brasileiro ao afirmar que

perspicazes brasileiros entenderam, finalmente, que a sua Pátria não pode progredir sem vigorosa e sadia ajuda do emigrante europeu. Para fazerem chegar os emigrantes, eles criaram leis muito liberais. Porém, no Brasil, as leis são explicadas e respeitadas de uma maneira totalmente original. (SELJAN, 1910)

Nesse trecho temos uma afirmação da supremacia da política imigratória que trazia europeus, o que nos leva a pensar que os irmãos concordavam com a ideologia racista que entendia a presença negra como algo que podia atrasar o progresso à Pátria de modo “vigoroso e sadio” como o imigrante fazia. Eles tocam na temática das leis e da sua aplicação brasileira *sui generis*, pois nessa época, com mais de 10 anos da experiência de trabalho para o governo no Brasil, os irmãos tinham passado por diversas situações em que aplicação das leis não foram como esperavam.

O relato continua com o detalhamento do uso do poder legislativo, tanto para explicar o funcionamento do sistema (com as informações sobre a relação do governo federal e dos estados) como para fazer diversas observações sobre o uso e abuso das mesmas pela elite. Assim se constrói uma visão do Brasil que mistura as informações específicas sobre a realidade brasileira com os comentários dos exploradores-imigrantes que tentam aproximar esse mundo do leitor croata. Ao longo do texto, o tom das críticas vai se agravando com as leituras da sociedade brasileira em que “cada um a quem se oferece a mínima oportunidade, explora tudo em seu proveito”, fazendo conclusões até certo ponto generalistas, mas que tocavam em algumas características negativas do funcionamento do sistema sócio-político que deveria receber o imigrante. Ao falarem do imigrante, preocupam-se mais com a recepção (como em “Confiando em promessas legais dos propagandistas brasileiros na Europa, os emigrantes ficam pasmos ao entrar no Brasil”) e as condições de trabalho (“O emigrante ficará feliz se encontrar emprego em cafeeiras. Porém isso não seria o pior, se a

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

jornada fosse paga honestamente”). Aqui encontramos uma indicação de dois sujeitos “exploradores” do imigrante: as empresas propagandistas na Europa e os proprietários dos latifúndios no Brasil, sendo assim o imigrante duplamente explorado no país. Eles citam mais alguns elementos negativos da relação trabalhador-dono (atrasos nos pagamentos, endividamento irregular, falta da possibilidade de reclamação etc.) e acabam mencionando mais alguns tipos de trabalhadores imigrantes croatas que se encontravam no país: os trabalhadores das ferrovias e os imigrantes inseridos no sistema do colonato no interior do país, para os quais se diz que não passavam melhor do que os camponeses das fazendas. Indo para o final do relato, os Seljan tocam também na temática geopolítica, uma vez que muitos imigrantes fugiam para outros países da América Latina (principalmente Argentina e Uruguai) e fazendo uma observação sobre a situação nos estados do Sul do Brasil, que ofereciam melhores condições – os autores argumentam isso pelo fato de existirem muitas colônias de diversas nações europeias que conseguem resistir a este tipo de exploração, reforçando mais uma vez a supremacia do europeu. Ao concluírem que “não há dúvida que a cultura, cada vez mais penetrante, com o tempo faz melhorar as circunstâncias brasileiras”, os imigrantes-exploradores se posicionam do lado da metrópole e suas ideias vigentes, reforçando as já mencionadas ideias do Liberalismo, colocando-se na posição chamada de “viajante-filósofo” por Todorov. Isso nos parece ser o caso por terem feito observações fundamentadas em algumas ideias mais abstratas de liberdade, civilização e progresso, que os colocam no nível de observadores que oferecem a sua visão benevolente para servir à população croata interessada em emigrar. Mas, ao mesmo tempo, colocam-se no nível local em que escutam e, após as suas elaborações, transmitem uma parte da experiência condensada de viagem de imigração, fugindo de uma visão focada somente no que acontece “em cima”.

VI

Desse modo, podemos chegar a uma conclusão de que a imigração, processo no qual relatos de viagem são produzidos, é em si uma zona de contato de diversas narrativas,

sujeitos narradores e objetivos com os quais são feitos e posteriormente aproveitados esses relatos. A imagem sobre o Brasil, pela qual se lutava discursivamente de muitos modos, residia na colocação de informações e dados “objetivos” que eram recontextualizados de acordo com a perspectiva positiva ou negativa dentro dos relatos dos sujeitos envolvidos no processo de imigração. Nenhum lado conseguia dominar o outro, pelo fato de a representação do país depender dos acontecimentos efetivos e esses acontecimentos ganhavam outra vida nos relatos que os usavam para representar uma outra realidade. Porém, o fato é que a imigração croata em massa continuará acontecendo nas próximas décadas, concentrando-se principalmente nos anos 1920, com vinda de mais imigrantes almejantes de terras e possibilidades de garantir uma vida melhor para si e suas famílias.

A geografia do país, expressa e visualizada exclusivamente através do texto escrito, procurava dar características pontuais do mapa geográfico (com distâncias, tempos e locais) ou construía cenas dramáticas em que se narravam as situações da imigração (chegada, primeiro contato, viagem, instalação, partida), marcando a vida do imigrante em etapas e momentos. Nenhum relato se encontra fora do meio em que foi publicado/escrito; assim, a sua base são texto publicitário (relato 1), relatório policial (relato 2) e artigo jornalístico (relato 3), cada um “imprimindo” suas características discursivas e ideológicas e, cruzando essas diferentes visões, procuramos construir uma heterogeneidade do processo de imigração croata (não esquecendo da realidade histórica, porém baseando-nos nas representações discursivas dos nossos viajantes). Porém, os três relatos nos parecem estar incorporados na ótica “nós e os outros”, a chave de análise proposta por Todorov, que no nosso caso, ajudou a entender a alteridade como a construção do outro e de si é um elemento fundamental para a criação desses relatos. O viajante se refere ao que vê, a partir daquilo que já conhecia, mas também seguindo uma proposta ideológica: a do viajante-aproveitador do primeiro relato, do viajante-exilado do segundo e do viajante-filósofo no terceiro caso. Entendemos necessário constatar que a predominância de uma das funções do viajante não significa que não houvesse características das demais, dado que a experiência imigratória é um fenômeno

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

complexo que exigia dos indivíduos e dos grupos atitudes e visões diferentes sobre o que estava relatando.

Consideramos, assim, que desse modo conseguimos levar o relato do viajante-imigrante para dentro do campo de estudos sobre relato de viagem em que muitas vezes o aspecto imigratório não foi explorado (um exemplo notável de produção acadêmica nessa temática é a análise do viajante imigrante alemão feita por Karen Lisboa no livro *Mundo novo, mesmo mundo*, publicado em 2011), complementação de visões e cruzamento de olhares que não se encontram nem somente no imperial dominador, nem no local dominado. E por fim, esperamos que esse tipo de narrativa enriqueça o campo de estudos da imigração croata que ainda precisa avançar muito no entendimento das razões da vinda dos imigrantes, a sua vida como tal no Brasil e as características da atual comunidade croata.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *As comunidades imaginadas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTIĆ, Ljubomir. *The Economic Causes of Emigration from Croatia in the Period from the 1880's to the First World War*. *Povijesne prilike*: Zagreb, n.14, pp.291-300, 1995.
- _____. *Los Croatas y América*, Fundación para la Emigración Croata: Zagreb, 2000.
- BRAUNNBAUER, Ulf. *Globalizing Southeastern Europe: emigrants, America, and the state since the late nineteenth century*, Lexington Books: Lanham, 2016.
- BOUTRUCHE, Robert. *Señorio y feudalismo*. Trad. Alicia Entel, Griselda Vignolo, Maria Cristina Davolio. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.
- COSTA, Emília Viotti da. "Liberalismo: teoria e Prática". In: *Da Monarquia à Republica: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007, pp. 133-170.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- LISBOA, Karen Macknow. *Mundo novo, mesmo mundo*. Viajantes de língua alemã no Brasil (1893-1942). São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2011.
- PRATT, Marie Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, Edusc: Bauru, 1999.

MARINOVIĆ DORO, Norma. *A imigração iugoslava no Brasil*. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1987.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MINTZ, Sidney. "Era o escravo de Plantação um proletário". In: *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2003

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe. *Memórias do cativo: Família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PIETRAFESA, Emilia de Godói; MENEZES, Marilda Aparecida; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades*, v.1/- São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

SZURMUK, Mónica. *Miradas cruzadas: narrativas de viaje de mulheres em Argentina*. Instituto Mora: México, 2007

TODOROV, Tzvetan. *Nosotros y los otros*. Siglo XXI: México, 1991.

ANEXO 1

Estado: Minas Geraes, vilarejo: Barbacena; colônia e posto: Ponta nuova¹⁷, 22 de julho de 1897

Estimado senhor

Com coração partido partimos em 1895, no mês de outubro, da nossa antiga pátria Croácia para uma viagem ao Brasil e chegamos saudáveis no Rio de Janeiro depois de 18 dias de viagem todos. Aqui a comissão brasileira nos colocou por dois dias onde recebemos comida, bebida e cama. Nós decidimos de partir para a Ponte nova porque lá há nossa gente e muitos eslovenos também. Fomos de trem e chegamos até a estação General

¹⁷Mantivemos a grafia original do relato do atual município de Ponte Nova que se assemelha à forma italiana de escrever novo, o que é possível explicar pelo fato de o croata ter muito mais contato com o italiano e a empresa propagandista ser italiana.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

Carneiro desde a qual andamos por mais duas horas até Ponte nuova onde nos encontramos com os colonos de lá. Vimos imediatamente que essa gente vai bem, porque tinham de tudo o suficiente e por isso também que decidimos iniciar o nosso trabalho com bastante esforço, trabalhamos, isso é verdade, da madrugada até o anoitecer, mas lamentamos porque antes aqui tinha um mato e agora temos uma terra fértil, colhemos duas vezes por ano em abundância, temos gado e de tudo o suficiente, bem como um pouco de dinheiro que recebemos pelos produtos vendidos. Não nos arrependemos por termos abandonado a nossa querida pátria croata e que aqui chegamos sem nada. Em pouco tempo chegarão outro conterrâneos nossos que vêm para cá porque conseguimos até um terreno, o qual não falta no nosso redor. Mandamos muitas lembranças para a nossa pátria e que vive bem, com cordiais saudações,

Janko Lesić

Josip Furlanić

Marko Milosević

Janko Oklobžia,

Kolonistas etc.

E mais 15 assinaturas de outros emigrados

ANEXO 2

Sobre a emigração para o Brasil eu descobri primeiro do povo do município de Ravna Gora que lá já tinha ido antes de mim, mas também eu li algumas cartas que nos chegavam do tal do agente Gergolet do qual recebi também o endereço.

Como dos relatos fiquei sabendo das promessas que diziam que o governo brasileiro dava 36 rala¹⁸ ou mais e que podíamos pagar dentro do prazo de 8 anos sem nenhum tipo de imposto ou tributo e que lá havia muita terra fértil etc., decidi eu também me mudar com a

¹⁸Rala é uma medida croata que corresponde aproximadamente a meio hectare.

minha família inteira a qual também poderia ser colocada para bom uso nos serviços do cultivo do café etc. O que pensei, também realizei e para concretizar isso, vendi a minha casa e terreno, isto é, todo o meu patrimônio imóvel no município de Mrkopalj. O custo do trem de Lokve até Rijeka paguei na estação ferroviária de Lokve, depois, para continuar a viagem, mandei ao Gregolet 75 forintas¹⁹ e quando cheguei a Udine, acrescentei mais 3 forintas.

Cheguei em Rijeka com a minha família, mais 5 outras com as quais no dia 23 de janeiro a uma hora da manhã tomei o trem até Udine. Lá fomos recebidos pelo Gregolet e lá esperamos o dia inteiro para continuar a viagem até Genova onde junto com o Gregolet viajei no dia seguinte.

Em Genova embarcamos no dia seguinte no vapor que foi diretamente para Santos. Foram vinte e um dias de viagem até chegarmos a Santos onde fomos encaminhados para São Paulo. Durante a travessia marítima nos davam alimento qualquer, assim se alguém morria ou ficava doente, era mais por conta da fome e não da doença, porque não havia nenhum atendimento para os doentes.

Quando percebemos em Genova que o Gregolet ia nos enganar, pedindo mais dinheiro e vários outros pagamentos adicionais, e nós ficamos apavorados com a partida para o mar aberto e largo, porque sentíamos que não teríamos sono bom, e aí ele começou a nos encorajar, com as palavras: “tranquilidade, não se preocupem, vocês vão se dar bem etc.” Mas na partida houve muito choro das mulheres e dos filhos e nós homens nos sentimos culpados, porque nos deixamos sermos seduzidos e decidimos nos entregar a vontade de Deus.

Viajando de Santos a Seint Paulo,²⁰ nos colocaram em um vagão de carga com barras e aqui nos fecharam como se fôssemos animais selvagens e viajamos assim do meio dia até as

19Moeda oficial do Império austro-húngaro, equivalente a mil reis brasileiros da época.

20A grafia original encontrada no texto que remete à cidade de São Paulo.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

dez e meia da noite até chegarmos em Sant Paulo onde nos a guarda levou para um prédio enorme perto da estação de trem, uma verdadeira fortificação, toda murada com portas de ferro e aqui nos fecharam.

Aqui ficamos presos por três dias, a comida vinha uma vez por dia arroz e couve fresca ou feijão e arroz e um pão francês para cada, o mínimo para te manter vivo. As crianças e mulheres esfomeadas berravam, aí que percebemos e sentimos decepcionados que fomos vendidos. Não podíamos sair dessa casa, e nela chegavam os barões que tinham a tarefa de comprarem nessa casa pessoas aprisionadas. O barão nos inspecionava de cabeça ao pé, querendo ver quem ele tinha comprado, nos tratando como se fossemos escravos.

Vendo que fui enganado, comecei a exigir, considerando que tinha algum dinheiro, para seja solto em liberdade e pedi a mediação do nosso consulado austríaco, mas me impediram a saída da casa.

Finalmente, depois de muitos suplícios meus e da minha família com seu choro conseguimos a minha liberdade e aí fui imediatamente pedir as instruções referentes ao nosso retorno à pátria.

Recebendo as mesmas, voltei com a minha esposa e três filhos para a pátria, passando no caminho muita fome, sofrimento e remorso pela minha ingenuidade, porque assim eu joguei fora todo o dinheiro e fiquei em casa e terreno que vendi para esta viagem, esperando uma vida melhor.

E assim fiquei exposto a maior miséria com a minha família, porque estou na casa de outros e eu sou já um homem de sessenta anos, enfraquecido para trabalho agrícola mais pesado, assim não poderei me sustentar e a família onde um filho ainda está na idade escolar.

Quando sai daquela casa desgraçada para a liberdade antes de voltar para a pátria, tive a oportunidade de ouvir dos nossos emigrantes que, por conta, da falta de condições

financeiras não conseguem se livrar do Brasil e os que tiveram que sobreviver foram escravizados, passando por maus bocados. Colocados em casebres antigos, completamente destruídos, tiveram que compartilhar o espaço com os inúmeros negros que vagavam pelas fazendas, fazendo trabalhos ocasionais.

Por isso o maior pecado seria que o Gregolet e seus companheiros, que levaram desse jeito hediondo tanta gente nossa, seguindo seus interesses pessoais, passassem ilesos, especialmente porque roubaram o nosso patrimônio para si.

Eu teria muitas outras experiências para relatar, mas espero que muitos outros que tiveram a mesma má sorte, ou até pior, contaram de modo mais detalhado e extenso às nossas autoridades, e por isso acho que esse meu depoimento será um relato insuficiente.

Acrescento que levei comigo para Estados Unidos 570 forintas e quando voltei para Rijeka tinha somente 5 forintas que usei com a minha família para almoçar e para a continuação da minha viagem até em casa, emprestei de Ivan Galanović a quantia de 5 forintas.

Assim ficou concluída e relatada a história de Nikola Kučan,

Assinatura do imigrante-regressado²¹

ANEXO 3

“Os perspicazes brasileiros entenderam, finalmente, que a sua Pátria não pode progredir sem vigorosa e sadia ajuda do emigrante europeu. Para fazerem chegar os emigrantes, eles criaram leis muito liberais. Porém, no Brasil, as leis são explicadas e respeitadas de uma maneira totalmente original. O partido que está no poder e a oposição vivem numa contenda constante. Os governamentais servem-se das leis em seu prol e em detrimento dos seus opositores políticos. Em primeiro lugar, tentam enriquecer à custa de

21A assinatura foi feita em outra letra que representa várias dificuldades de escrita, indicando ser a letra do próprio imigrante.

Imigração como relato: experiências de viajantes croatas

rendimentos estatais. Por isso, à falta de pretexto para gastar dinheiro, eles criam novas leis, determinando somas enormes para a aplicação das mesmas. Assim se procede, em grande medida, na capital, Rio de Janeiro, e, proporcionalmente, em todas as capitais dos estados federativos. Determinados municípios são tão autônomos que imitam o Governo central e os governos dos estados federativos. Muitas vezes, as leis federais estão em óbvia contradição com as leis de determinados estados, e os municípios interpretam tudo em prol de si, o que leva a uma grande confusão, ou, como dizem os próprios brasileiros: 'Todos mandam, nenhum obedece e tudo vai bem'. O Governo não tem tempo para tais frivolidades, o mais importante para ele é satisfazer os seus partidários e impedir a revolução dos seus opositoristas. É compreensível que, em circunstâncias como estas, cada uma quem se oferece a mínima oportunidade, explora tudo em seu proveito; é necessário assegurar-se a tempo, porque amanhã tudo poderia mudar. Territórios meio-civilizados e certos indivíduos podem agir a seu gosto. Para eles, o dever, o respeito da lei e o humanitarismo são apenas frases vazias. Confiando em promessas legais dos propagandistas brasileiros na Europa, os emigrantes ficam pasmados ao entrar no Brasil. O emigrante ficará feliz se encontrar emprego em cafezais. Porém, isso não seria o pior, se a jornada fosse paga honestamente. O dono de plantação vende tudo a crédito aos colonos, triplicando a soma. Quando se faz o balanço, demonstra-se quase sempre que o trabalhador está registrado no livro da dívida com grande soma de débito, Qualquer reclamação é inútil. Contra a força não há resistência! – Os trabalhadores empregados na construção do caminho de ferro, no interior do País, também não passam muito melhor. Alguns emigrantes são mandados pelo Governo para o interior; isto é, para regiões afastadas de qualquer meio de comunicação. Lhes é prometida uma casa já edificada e alimento até à primeira sega. Em vez da casa, eles encontram a selva, e em vez do alimento, os fornecedores governamentais dividem-lhes feijão mofento e carne defumada em que abundam vermes. Ai dos reclamadores descontentes: serão punidos como rebeldes e elementos perigosos. Muitos pobres morrem de miséria. Os que estão perto da fronteira fogem para a Argentina ou para o Uruguai. Alguns ficam no Brasil e, passando por

todos os males, asseguram a existência na nova Pátria, mas serão para sempre detestados pela população autóctone. Nos estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande de Sul, as circunstâncias são um tanto melhores. Tendo passado por muitos desagradados, as colônias polacas, ucranianas, alemãs e italianas, afirmaram-se no País. Os brasileiros não têm confiança nestas, uma vez que os estrangeiros unidos poderiam lhes arrancar os dentes. Não há dúvida que a cultura, cada vez mais penetrante, com o tempo faz melhorar as circunstâncias brasileiras. Por enquanto, povo, não emigres para o Brasil! Quem deve deixar a Pátria, encontrará melhores circunstâncias na Argentina. Para o Brasil pode ir um artífice ou comerciante com um pouco de capital, mas é necessário que seja sagaz, precavido e de consciência bastante 'elástica' a fim de bem ponderar qualquer negócio antes de assumi-lo, senão fugirá para além da fronteira, assim como os desgraçados colonos...".